

## ARQUIVISTA: Gestor de arquivos e registros na Era Digital

**Elayne Ortolan Altoé**

(Universidade Federal do Estado do Espírito Santo) \*

**Taiguara Villela**

(Universidade Federal do Estado do Espírito Santo) \*\*

### ABSTRACT

This descriptive study seeks to group the concepts of contemporary archiving based on the basic differences between the "Records Managers" and "Archivists." This study has reiterated the position of Heloise Bellotto in review "Reflections and changes in the world of archives (Review of Currents of archival thinking)," comes approach the definitions of archival theory, in order to highlight the evidence of the appearance of applications and theories unusual as: personal papers and institutional transparency reshaping science archival. The methodology used in this article is the explanation about the theoretical currents that have arrived within the archival and looking to raise archival questions in terminology scope, with regard to the evolution of his concepts, in order to narrate the archival as a natural science as a necessary for a society in the digital age.

**KEYWORDS:** Record. Archive. Archival Theory. Document Management. Archive Management

### RESUMO

Este estudo descritivo bibliográfico busca agrupar os conceitos da arquivologia contemporânea tendo como base as divergências básicas entre os "Records Managers" e os "Archivists". Este estudo vem reiterar o posicionamento, de Heloísa Bellotto, na resenha "Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos (Resenha de Currents of archival thinking)", vem abordar as definições teóricas arquivísticas, de forma a salientar a evidência do surgimento de aplicações e teorias incomuns como: documentos pessoais e a transparência institucional, remodelando a arquivologia. A metodologia usada neste artigo é a explanação acerca das correntes teóricas que surgiram dentro da arquivística, e que buscam levantar as questões arquivísticas em seu âmbito terminológico, no que diz respeito à evolução de seus conceitos, com o objetivo de narrar a arquivística como uma ciência natural e necessária para a sociedade da era digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Registro. Arquivo. Teoria Arquivística. Gestão Documental. Administração de Arquivos.

## 1. INTRODUÇÃO

O entendimento da arquivística é bem diferenciado do oceano Atlântico para cá, ou seja, na Europa tem-se um entendimento e na América tem-se outro, até mesmo devido às questões culturais diferenciadas. Vamos falar sobre os arquivistas que seguem correntes Tradicionais, dos Records Management ou da Arquivística Integrada, onde tratam o documento de arquivo de formas diferenciadas. No mundo Tradicional, é considerado documento de arquivo apenas documentos permanentes. Já para os Records Management e para a Integrada, os documentos correntes e intermediários também são objeto de trabalho deste profissional.

No Brasil o “Record Management”<sup>1</sup> foi traduzido como Gestão de Documentos, ao passo que a “Archival Administration”<sup>2</sup> foi lido como Arquivos de Referência, embora não possuía uma linha de pensamento sistematizada a não ser no manual “Como implantar arquivos públicos municipais” de Ana Maria Camargo e Helena Correa Machado<sup>3</sup>.

Ocorre que, nos países de língua portuguesa tem sido adotado o termo arquivo em divergentes aplicações, como o “*computer files*”, “*archives*” e “*records*”, mas é preciso sublinhar que “*Archival Science*” é a ciência dos “*archives*” e não dos “*computer files*” e nem dos “*records*”. A etimologia da palavra “*file*” remete à ideia de um *locus* como um papel ou uma superfície que deve seguir uma linha consecutiva para referência. Um “*computer file*” não é necessariamente um arquivo ou documento arquivístico. Um livro virtual pode ser um “*computer file*”<sup>4</sup>. Seu tratamento, por não ter valor probatório e

<sup>1</sup> **Record Management** - Gerenciamento de registros é o campo "de uma gestão responsável pelo controle eficiente e sistemático da criação, recepção, manutenção, utilização e disposição dos registros, incluindo os processos de captação e manutenção de provas e de informações sobre as atividades e transações comerciais em forma de registros "(ARMA, RIM 101) (Tradução nossa). Disponível em: <<http://archives.library.wisc.edu/records/>> biblioteca da universidade de Madison>. Acesso em: 04 ago 2012.

<sup>2</sup> Conceito de **Archival Administration** consta da obra de Hilary JENKINSON, **A Manual of archive administration: including the problems of war archives and archive making**. University of London – Oxford. 1922. Disponível em: <<http://archive.org/stream/manualofarchivea00jenkuoft#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 04 ago 2012.

<sup>3</sup> Machado, Helena Corrêa; Camargo, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais**. 2.ed., Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, São Paulo, 2000, v. 3. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto\\_pdf\\_12\\_Como%20implantar%20arquivos%20publicos%20municipais.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto_pdf_12_Como%20implantar%20arquivos%20publicos%20municipais.pdf)>. Acesso em: 04 ago 2012.

<sup>4</sup> **computer file** - a tradução para *arquivo de computador*, é um bloco de informações arbitrárias, ou recurso para armazenar informações, que está disponível em um programa de computador e geralmente é baseada em

autenticidade deve ser distinto. Um documento de arquivo pode ser um "*computer file*" tal qual uma "ata eletrônica", mas um "*computer file*" não é necessariamente um documento arquivístico, uma vez que a criação do primeiro obedece ao princípio de organicidade, mas o segundo nem sempre tem a sua gênese fundada num princípio orgânico.

Com objetivo de compreender melhor o papel e os objetos deste profissional multifacetado damos seguimento a uma ocorrência e depois a um quadro conceitual dentro da aplicabilidade atual da Arquivologia.

### 1.1 O estopim de Toronto

Ocorreu em Toronto o encontro de estudiosos onde um grupo de arquivistas foi convidado por dois professores e pesquisadores, Terry Eastwood e Heather Mac Neil, da Universidade da Columbia Britânica e da Universidade de Toronto, respectivamente, para sanar as cinco questões levantadas por Terry Cook, em Pequim em 1996. Essa aglomeração de arquivistas objetivou a definição e a redefinição acerca de alguns conceitos, já consolidados pela teoria e prática da arquivística (ciclo vital) e dos que viram a surgir, até então (Transparência institucional e os arquivos pessoais). O produto desse encontro foi a consequente publicação da obra "*Currents of archival thinking*"<sup>5</sup> que nasceu a partir da junção dos textos dos arquivistas ali presentes. A intenção dos autores é a de discutir o pensar e o fazer arquivístico, dentro da temática: "Possibilidades de novos olhares sobre a tradição". O livro é estruturado em dez capítulos com abordagem dos conceitos fundamentais do saber arquivístico moderno. Ele é agrupado em três grandes partes, Alicerces; Funções; Modelos e metáforas.

Com isso as 5 mudanças é possível afirmar que o presente livro é eco e resposta a aquele brado lançado no congresso de Pequim pelo lúcido teórico canadense na sua conferência, que abria, em 1996, as comemorações do centenário do primeiro grande manual da arquivística, o holandês, de 1898.<sup>6</sup>

---

algum tipo de duráveis. Disponível em: < [http://en.wikipedia.org/wiki/Computer\\_file](http://en.wikipedia.org/wiki/Computer_file) >. Acesso em: 03 ago 2012.

<sup>5</sup> **Currents of archival thinking**, é o título da obra escrita por EASTWOOD, Terry ; MACNEIL, Heather. ABC CLIO, 2010. O livro não foi traduzido para o Português, a obra em inglês é vendida pela internet. Disponível em: <[http://www.amazon.com/Currents-Archival-Thinking-Terry-Eastwood/dp/1591586569#reader\\_1591586569](http://www.amazon.com/Currents-Archival-Thinking-Terry-Eastwood/dp/1591586569#reader_1591586569)>. Acesso em: 04 ago 2012.

<sup>6</sup> BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de *Currents of archival thinking*). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, Ano 2010 jul./dez, p.33. Disponível

Foi explanado pelo teórico canadense Terry Cook, durante sua conferência, intitulada: “What is Past is Prologue: a History of Archival Ideas Since 1898 and the Future Paradigm Shift”. A imediata repercussão, não só no próprio congresso, como depois dele, nos meios arquivísticos internacionais, fica agora consolidada nessa obra. Ela é merecedora de estudos e discussões nos meios arquivísticos brasileiros, tanto acadêmicos como institucionais, preocupados, como parecem estar com a atualização dos conhecimentos e das experiências imprescindíveis para o crescimento qualitativo da área. A conferência precedeu a abertura das comemorações do centenário Manual dos holandeses, no XIII Congresso Internacional de Arquivos, em 1996, a ousadia de Terry Cook e suas cinco questões, polemizaram o saber arquivístico:

1. As novas discussões em relação à existência dos arquivos;
2. A mudança do significado de se “preservar” documentos;
3. As novidades quantos às fontes da teoria arquivística;
4. A transformação do papel dos arquivistas, agora, não mais como “neutros e passíveis guardadores de documentos” e sim como “moldadores do patrimônio documental”;
5. O deslocamento do entendimento da teoria arquivística anteriormente considerado “universal” para sua atual compreensão como sendo mais “historicamente situada e determinada” (Ibid, p.32).

Para redefinir os conceitos do fazer arquivístico e do pensar arquivístico, o mundo anglófono<sup>7</sup> se reúne, identifica e reconhece os dois grandes eixos teóricos da Arquivística: Records Managers e Archivists, um voltado para a os registros traduzidos no Brasil como documentos e outro para os arquivos, respectivamente. Estes se complementam e se divergem em uma interação recíproca e harmoniosa com o passar do tempo. No Brasil, não há esta distinção. O profissional arquivista é visto sem essa divergência prática, ou seja, o mesmo profissional que é capacitado pela academia atua manipulando registros e arquivos, fato que torna evidente o reconhecimento e aplicação do ciclo vital, um conceito que é consenso entre os arquivistas de qualquer país. Podemos observar que:

[...] a Arquivologia conta, atualmente, com três grandes correntes de pensamento: a tradicional, ligada aos arquivos permanentes, a qual se mantém como referência internacional, tanto com relação às suas questões teóricas

---

em:<[http://www.aab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=83%3Apublicacoes&catid=30&Itemid=68](http://www.aab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83%3Apublicacoes&catid=30&Itemid=68)>. Acesso em 03 ago 2012.

<sup>7</sup> **Anglófono:** adj+sm (anglo+fono) Diz-se de coisa, ou pessoa que fala inglês: rádios anglófonas; os habitantes anglófonos da África. Disponível em:< <http://www.dicio.com.br/anglofono/>>. Acesso em: 05 ago 2012.

quanto às práticas; a dos records anagement identificada com os arquivos administrativos; e a corrente da arquivística integrada, que ainda emergente, preocupa-se com o ciclo vital dos documentos e busca consolidar-se (LOPES, 1998 apud CLÉO, 2009, p. 26).

Os países que originaram estas correntes são: a Tradicional é de procedência francesa, italiana e espanhola; a dos Records Management, norte-americana e a Arquivística Integrada são canadenses. Estas correntes estão presentes em todos os países que possuem arquivos do mundo. Existem outras correntes variantes, que não se enquadram perfeitamente em nenhuma destas, pois estas são as mais estudadas e adotadas.

A ausência de metodologias e de concepções bem estabelecidas e utilizadas de modo regular é recorrente em escala mundial. Por toda parte, mesmo onde reina a hegemonia de uma ou de outra corrente, é previsível a coexistência em um mesmo meio de trabalho, gerando várias visões e práticas. Existe também, em âmbito mundial, uma arquivística espontânea ou de sobrevivência, formada por práticas e fragmentos teóricos das correntes principais, não havendo, portanto, uma estrutura teórica de subsistência, sendo desenvolvida a partir do senso comum, impossibilitando ou dificultando soluções sistemáticas. Este tipo de arquivística é dominante em países sítos fora da América do Norte e da Europa Central. A América Latina, a Oceania, a África e a Ásia tiveram somente influências destas correntes teóricas predominantes, sendo apenas coadjuvantes. Records management constitui-se em um complemento a arquivística baseada em regras práticas, eficazes, mas sem a existência de fundamentos científicos e por vezes recorrendo à improvisação, desconsiderando o conhecimento construído e acumulado pela arquivística tradicional. Por sua vez, a arquivística integrada é a única a propor a transformação da disciplina arquivística, baseada em técnicas, em uma disciplina científica, com um arcabouço definido e comunista. (BELÍCIO LOPES, 2009, p. 27).

A Arquivologia se desenvolveu de forma a se adequar às tradições de cada país e instituição, não contando com princípios globais. O equilíbrio entre todas as correntes da arquivologia é necessário ao seu evoluir, o senso comum e a reflexão científica andam sempre juntos. As correntes mais presentes no mundo são as já consolidadas, Arquivística Tradicional e a Records Management.

[...] A arquivística espontânea ou de sobrevivência é a mais fragmentária. Ela não existe como pensamento estruturado e não descrita em obras específicas. A tradicional é uma construção contraditória. A primeira contradição, do ponto de vista que aqui se defende, consiste em manter os princípios e teorias fundamentais da arquivística como um conjunto e de recusar, sistematicamente, o papel de uma disciplina independente. (LOPES, 1998, p.61 APUD BELICIO LOPES, 2009, P.27).

O trabalho realizado em Toronto foi primordial para a compreensão das novas atuações dos arquivistas, como agente ativo na “transparência institucional”, nos registros dos “arquivos pessoais”, já o sentido de “bancos de dados” e o de “preservar” sofreram alterações inclusive opostas ao que conhecemos. Com a advinda dos documentos eletrônicos e digitais, assim como o “arranjo”, que perdeu o sentido, se tornou um conceito inaplicável, pois o modo em que os documentos estão dispostos nos diretórios de rede é indiferente na recuperação do documento no meio digital, a busca se dá por meio de sequências binárias traduzidas por palavras-chave. A compreensão e a distinção entre os dois perfis profissionais que dividiu a arquivologia em dois eixos, os Record Managers e os Archivists, foram o norte para o entendimento da conjuntura da arquivística moderna e para a superação da conceituação das teorias arquivísticas, percebendo-se a dualidade na atuação do profissional. Na Austrália já se compreende a importância da “união” das duas profissões anteriormente separadas em apenas uma. Tornou-se um consenso tanto entre a Arquivística Tradicional quanto os Records Managers que, a teoria das três Idades e o postulado do ciclo vital dos documentos, são essenciais para a manutenção da arquivologia atual. Acerca do tratamento aos registros, Ciaram B. Trace (2002, p.3) defende que:

Ao abraçar um novo quadro de registros e manutenção de registro devemos reconhecer as seguintes realidades: primeiro, que existe uma necessidade dos arquivistas em conduzir sua própria investigação, seja com base em ciências sociais metodologias, ou não, a fim de coletar registros e quais são os registros que devem ser recolhidos. Segundo, que existe uma necessidade de entender totalmente os documentos que ele coleciona: o registro, que existe dentro do arquivo é uma demanda para os arquivistas examinarem mais rigorosamente e reavaliar os documentos para serem mais conhecedores do papel que eles mesmos desempenham na formação do registro histórico e, finalmente, os arquivistas fazem um desserviço a si e aos seus patronos, isolando-se de outras instituições culturais. Os arquivistas devem procurar entender os pontos comuns com outras profissões. (Tradução nossa).

## 2 Mudanças da práxis na Era Digital

Os ditos “profissionais da informação” não pertencem a um segmento só, e por isso mesmo se faz necessário admitir que cada objeto precisa de um tratamento documental diferenciado. Mas qual o porquê desta diferenciação? Ora, se enquanto o livro é artificialmente colecionado e não é acumulado e produzido em decorrência das atividades jurídico-administrativas, então não precisa de descritores ou metadados que garantam suas

qualidades como imparcialidade e autenticidade. Pois o arquivo nasce para provar algo, e, portanto, possui um valor de prova que deve ser controlado por meio de um tratamento adequado - processos e procedimentos específicos que garantam seu estatuto probatório. Além de admitir que, apesar das generalizações como "tudo é informação", para cada artefato convém uma abordagem própria, ainda há o problema da terminologia, pois nos países de língua portuguesa tem sido adotado o termo "arquivo" tanto para "records", "*computer files*" e "*archives*". Quais tipos de confusão isto poderia gerar? Um "*computer file*" não é necessariamente um arquivo ou documento arquivístico, pois um livro digital sendo também um "*computer file*" não obedece ao princípio da organicidade onde o documento é produzido como reflexo espontâneo de uma atividade jurídico-administrativa. O Projeto InterPARES - International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems - liderado pela Doutora Luciana Duranti e coordenado pela Universidade de British Columbia(Canadá), tem desenvolvido no mundo todo soluções e conhecimento teórico-metodológico essencial sobre esta questão.

Se já se admite que as "fontes de informação" não devem ser tratadas todas da mesma maneira assim como Taylor & Joudrey (2009) apontam em sua obra, então é preciso esclarecer qual tipo de fonte precisamente há de ser abordar aqui, pois seria impossível em apenas um capítulo tratar de todas as metodologias. Há de se falar nas fontes primárias conhecidas por "arquivos" que concernem aos limites da Arquivologia – hoje no Brasil sub-área de Ciência da Informação de acordo com Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível *Superior (Capes)* - é “ao pé da letra” a “*Archival Science*” ou ciência dos “*archives*” tem por objetos científicos:

Objeto (A) o arquivo enquanto unidade documental;

Objeto (B) o arquivo como conjuntos de documentos contextualizados no seu meio genético de produção natural e,

Objeto (C) o arquivo-instituição com suas respectivas funções Arquivísticas.

Considerando estes objetos científicos tomam-se as três principais vertentes da Arquivística, no trato do objeto A há a Tipologia Documental que por sua vez é uma ampliação da Diplomática cujo expoente máximo é Bellotto da USP- Universidade de São Paulo. Para o objeto B no Brasil o “Record Management” foi traduzido como Gestão de

Documentos a ainda não conta com uma linha teórica bem distinta, entretanto em âmbito brasileiro a proposta de *records continuum* ou da integração de "Records Management & Archival Administration" sempre foi um pré-suposto. A tradicional "Archival Administration" foi sistematizada no primeiro manual da coleção "Como Fazer" publicada pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo com o título de "Como implantar arquivos públicos municipais" cuja co-autoria é da Doutora Ana Maria Camargo da USP - Universidade de São Paulo.

É possível concluir que há três "processos e procedimentos da informação" nos arquivos distintos e interligados:

I) **Análise Diplomática e Tipológica:** que identificará a fórmula diplomática e a tipologia, realizando uma análise documental do objeto A; Obra de referência: BELLOTTO, Heloísa Liberalli como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo / São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. (Projeto Como Fazer, p.8).

II) **Gestão de Documentos Arquivísticos:** a partir do objeto A estabelece a lógica conjuntural por séries tipológicas e a organização do fundo, bem como a manutenção da organicidade e dos fluxos naturais dos documentos; Obra de referência: BERNARDES, Ieda Pimenta, DELATORE, Hilda; *Gestão Documental Aplicada* (publicação digital). 2004.<sup>9</sup>

III) **Administração de Instituições Arquivísticas:** tendo em vista os objetos A e B é o processo que cuidará da instituição pública cuja incumbência é garantir as funções arquivísticas: Produção ou Gênese Documental; Avaliação e Descarte Documental; Aquisição; Conservação do Patrimônio Cultural-Arquivístico; Classificação Tipológica; Descrição Arquivística; Difusão Cultural; Arranjo e Organização Documental; Obra de Referência: Como implantar arquivos públicos municipais / Helena Corrêa Machado e Ana Maria de Almeida Camargo. – São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

A interdisciplinaridade entre estes processos no âmbito da Arquivística e da Ciência da Informação pode ser considerada a partir do modelo de Zins (2009)<sup>10</sup> onde o dado é material e empírico, ao passo que a informação e o conhecimento são subjetivos. Também a

<sup>9</sup> ISBN: 978-85-61599-02-7. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saes/GESTAO\\_DOCUMENTAL\\_APLICADA\\_Ieda?.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saes/GESTAO_DOCUMENTAL_APLICADA_Ieda?.pdf)>. Acesso em: 03 ago 2012.

<sup>10</sup> ZINS, C; **Conceptual Approaches for Defining Data, Information, and Knowledge**. In Journal of the American Society for Information Science and Technology, 58(4):479–493, 2007.

partir deste modelo, questiona-se se o arquivista não seria portanto o profissional dos dados e não da informação, uma vez que algo subjetivo não é passível de gestão.

Estes fatos frente aos desafios atuais carecem de uma descrição elucidativa sobre as principais terminologias que compõem a resenha da obra “Currents of archival thinking” realizada por Heloisa Bellotto na revista *Arquivo & Administração* em 2010.

Não pretendemos definir os conceitos e sim apontar suas contestações com a advinda do meio digital e eletrônico. Essas terminologias, narradas pelo mundo anglófono, no “Currents of archival thinking” estão expostas abaixo em ordem alfabética.

**Acesso:** Para Geoffrey Yeo (2008), o acesso deve ser direto ao documento, como uma imagem digitalizada, por exemplo, e não por representações contidas nos instrumentos de pesquisa. No Brasil, há a Lei 12.527/2011<sup>11</sup> que regula o acesso à informação em território nacional prevê no seu artigo terceiro, inciso IV, o “fomento ao desenvolvimento da cultura de transparência na administração pública” e por esta razão, as ações dos organismos públicos não podem se reduzir apenas a publicação de dados na Internet.

**Arranjo:** deve se continuar a respeitar o fundo de arquivo, que consiste em não se mesclar documentos de produtores diferentes. No caso dos eletrônicos não há acondicionamento, mas ainda há armazenagem e, portanto o arranjo enquanto operação intelectual se mantém, pois a classificação ainda é válida para os arquivos eletrônicos e vitais para seu controle. E, para fundamentar os metadados, deve-se observar o arranjo digital, no que condiz ao fundo e série, pois, a complexidade hierárquica irá se refletir na descrição.

**Avaliação:** Vem a concretizar a definição de regras de conservação e de eliminação e tem como objetivos permitir à organização a diminuição de documentos acumulados através da eliminação daqueles obsoletos, a melhoria do estado de conservação dos documentos, a redução dos custos associados à conservação, a recuperação de espaço físico em depósito ou digital em servidor, o aumento da eficácia administrativa, a identificação e armazenamento documental ao longo da sua gestão contínua e a identificação e proteção dos documentos essenciais para garantir o funcionamento e a continuidade da organização.

---

<sup>11</sup> **Lei 12.527** publicada no DOU de 18.11.2011 - Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei no 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências.

Surge a ideia de Macroavaliação, que é uma mistura de teoria, estratégia e metodologia, onde se rejeita que o Valor é inerente aos documentos. Para Cook, a macroavaliação deve especificar os atributos genéricos e as interconexões do documento, para apontar os conflitos entre os produtores e as características sócio-históricas que são voltadas para os cidadãos, nossos clientes.

O objetivo da avaliação em documentos correntes é o de otimizar o valor secundário e diminuir a preocupação concentrada na autenticidade das fontes históricas. A Macroavaliação deve ser pensada com a participação do arquivista, produtor e comunidade, com foco sempre na informação que a comunidade precisa.

**Avaliação de documentos eletrônicos:** é um desafio, devido ao “ajustamento eletrônico”. Os metadados que ligam os documentos ao seu contexto de produção, administrativo, documental e tecnológico, por isso deve-se conhecê-los isoladamente e em seu contexto, para avaliar documentos digitais.

**Conservação:** O arquivista-conservador não é mais só aquele que preserva o papel celulose, mas também deve ficar responsável pela autenticidade dos documentos quando aquilo que ele conserva possui valor de prova. “Conservamos o legado cultural para preservar a memória, sendo essa a preocupação também de bibliotecas e museus, não obstante a diferença dos objetos que tratam de custodiar e conservar respectivamente.” (BELLOTTO, 2010, p.36).

**Descrição:** É submissa ao princípio da Proveniência e aplicada aos registros por metadados. O Projeto Interpares é pioneiro na aplicação da descrição para controle de autenticidade e preservação dos arquivos. O Encoded Archival Description é iniciativa mundial baseada na norma de Estocolmo – ISAD(G), mas também há de se considerar ISAAR (CPF) e a ISDF. Infelizmente tais normas foram adotadas a partir da lógica da coleção e processos biblioteconômicos e desconsideraram a Tipologia documental e a Tradição documental.

Em relação ao contexto há a iniciativa Ended Archival Contexts, e no sentido de ser útil o arquivista deve recorrer a história da entidade produtora e estruturar as funções das mesmas, ou em caso de arquivos pessoais deve-se recorrer a biografia e as atividades dos titulares.

**Documentos eletrônicos:** Ele já nasce como fonte de informação, as atividades do produtor são identificadas antes do nascimento dos documentos (até mesmo para a confecção dos softwares de gerenciamento das funções institucionais, ex: intranet, banco de dados). As pessoas agora têm como expectativa recuperar e usar os documentos na íntegra, por meio do acesso em forma de metadados.

**Mediação:** A Mediação é abordada em arquivos de referência, física ou virtual, ao qual o acesso é o principal foco. É um serviço que deve ser sistematizado nos arquivos de referência presencial ou virtual à distância e in loco. A mediação deve ser voltada para o cliente. É um serviço que potencializa o acesso, para atrair novos usuários apresenta cinco passos estratégicos: identificação, orientação, entrevista de entrada, interação contínua e entrevista de saída.

O Arquivista deve ter o conhecimento do acervo no que diz ao processo de sua gênese e das tipologias que compõem o acervo, para ele direcionar o cliente até o documento.

**Natureza dos Arquivos:** Especial ou especializado. Pública ou privada. A natureza do documento vem sofrendo constantes impactos do desenvolvimento dos saberes das áreas Sociais como um todo, da administração, da comunicação, da pesquisa histórica e da tecnologia da informação. A natureza dos arquivos está embutida nas raízes teóricas da arquivologia, ela é a razão por qual se origina o documento, é o que o constitui, é a sua propriedade e seu atributo, ela representa as particularidades documentais. O ponto em comum entre as Naturezas do documento dos “Records Managers” e dos “Archivists” é que elas são interdependentes – o chamado “archival bound”. No Brasil, França, Itália, Espanha e outros países latinos a Natureza dos documentos está embutida como uma definição do processo de Classificação Tipológica para preservação de seu estatuto probatório, pois a o arquivo nasce para provar algo por ações jurídico-administrativas.

**Princípio da Organicidade:** Apresenta como características a unicidade, naturalidade, intencionalidade, imparcialidade, e autenticidade. A relação entre a unicidade e a naturalidade do documento é à base do princípio da Organicidade. Ele sempre reflete, naturalmente, as funções da entidade que as gerou junto com a **Artificialidade** de suas coleções, pois o colecionador interfere ao dar a forma de seu acervo. A organicidade e a

artificialidade representam o vínculo entre o produtor e o colecionador dos documentos e formam o “**Todo orgânico**”.

**Princípio da Proveniência:** Historicamente "a proveniência" é um princípio teórico adotado pela Arqueologia e Paleontologia para o controle de artefatos e objetos antigos que orientam não apenas o remonte dos conjuntos, mas também a produção de catálogos. Apesar das alusões claras do Manual dos Holandeses (1898) para com a Paleontologia e a metáfora do esqueleto, nem sempre o arquivo foi tratado como tal.

Antes da "proveniência" era "O Princípio da Pertinência" que guiava a metodologia classificatória dos arquivos no que tange ao arranjo pela lógica dos termos e assuntos (Gränström, 1994, p.13). Entretanto a organização temática dos arquivos remetia ao conceito de coleção artificialmente reunida que encontrava problemas práticos para o acesso.

No Archivo Publico do Estado do Espírito Santo, por exemplo, adotava-se em parte a classificação estrutural que refletia os ministérios, mas é possível encontrar repartições temáticas como “Chefe de Polícia” e “Qualificação dos guardas nacionais” (Villela Aldabalde, 2010, p.83-85), onde diversas peças e documentos oficiais deveriam ser encaixados forçosamente nesta classe de maneira tal que o usuário não conseguiria relacionar sua demanda com o documento necessário: tratava-se de uma classificação empiricamente equivocada, sem um método que reunisse as séries pelo produtor. Este problema da obstrução do acesso por erro classificatório se verifica a nível universal, mas foi na França e também na Prússia onde o arquivo central, ao reunir os documentos de diferentes províncias pelos mesmos temas misturou as peças documentais que ficaram perdidas e sem identificação precisa.

Nataly de Wally<sup>12</sup> expediu uma circular em 1841 para que esta mistura terminasse com a organização pela Proveniência ou "provenir", "de onde provém", quando os arquivos passaram a fixar identidade não mais pelas coleções, mas pelos produtores dos fundos e

---

<sup>12</sup> **Nataly de Wally:** Foi o arquivista de Napoleão, responsável por criar o conceito de Fundo de Arquivo, ao organizar o Arquivo Nacional da França, este era composto por documentos das nações conquistadas. O Conceito de Fundo surgiu para determinar a instituição e sua respectiva nação da documentação recolhida descontroladamente por Napoleão.

respectivos agrupamentos das séries de uma mesma província que nada mais era que seu natural produtor e acumulador. Tratou-se de um problema empírico de classificação pragmática que venceu a lógica teórica abstrata sem base empírica das classificações oriundas de uma “proto-biblioteconomia”, onde mudanças nas “classes do conhecimento” ou “divisões dos temas e assuntos” não gerariam nenhum problema, ao contrário, pois novos conhecimentos surgiam e surgem a todo tempo e esta configuração se adéqua apenas colecionando por mera convenção abstrata.

A França e a Prússia registraram medidas na esfera do Direito Público Administrativo e a proveniência ficou atrelada a noção da custódia legal. Até os dias de hoje a custódia e sua legalidade são adotados nos arquivos em computadores e trabalham com o princípio da "Proveniência dos Dados". Estes dados custodiados devem ser armazenados segundo diretrizes das iniciativas como "National Science Foundation", "Dataneet projects", "DataONE" e "Data Conservancy".

O princípio da proveniência é visto como a junção do “Respeito ao fundo” com a “Ordem original”. Peter Horsman diz que, este é o único princípio da teoria arquivística e que os outros dela decorreram, já para Jennifer Douglas, ele é visto de três formas: Como princípio organizativo, como construção física e intelectual e como contexto sócio-histórico. A proveniência vem de um contexto de criação continuum, além do administrativo, social ou cultural, ela engloba ações como a autoria, a custódia, o manuseio, a interpretação e a intervenção arquivística.

Os Australianos entendem o *sistema de séries* como uma redefinição da Proveniência, já que relaciona as entidades produtoras no contexto em que usam o documento.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com o surgimento de novos conceitos aplicados à arquivologia mundial, que vieram a surgir após a Conferência de Terry Cook, no Congresso Internacional de Arquivos em Pequim em 1996, iniciou o processo de resignificar a arquivologia e lá ficou encaminhado que em Toronto haveria um debate entre os arquivistas, para sanar as questões que surgiram com a advinda das tecnologias da informação e deste debate surgiu a obra

“Currents of archival thinking” que veio a agrupar os conceitos inerentes as terminologias aplicadas à área da arquivologia enquanto à evolução dos conceitos teóricos com Natalis de Wally, na França, passa pelo manual dos holandeses e pelo sistema de séries australiano até chegar ao Canadá com a atual arquivística integrada.

Foi percebido que os conceitos arquivísticos levantados no livro, “Currents of archival thinking”, nos levam a compreensão de que as definições teóricas não são unânimes, pois são narradas diferenciadas formas do pensar e do fazer arquivístico e que estes estão intrinsecamente ligados à cultura do o país que gerou o documento em que o arquivista atua. A ideia inicial de Terry Cook ao explicar suas cinco questões, foi a de fomentar um maior debate entre os profissionais arquivistas acerca de suas questões, e a essência de Cook está mantida pelo mundo e o livro nascido em Toronto, é mais uma prova de que a arquivologia está tomando a devida atenção de seus pesquisadores, no que diz respeito aos novos significados adquiridos pela arquivologia ao longo da nova era a informacional, contribuindo assim para o desenvolvimento intelectual do profissional arquivista.

## REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de Currents of archival thinking). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, 2010.

BRASIL. **Lei 12.527/2011** de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20112014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2011/lei/112527.htm) Acesso em: 04 ago 2012.

LOPES, Cléo Belicio. **Descrição Arquivística Diferenças e Divergências terminológicas sobre os instrumentos de pesquisa**. Porto Alegre, 2009.

COOK, Terry. **Interacción entre la teoría y La práctica archivísticas desde la publicación del manual holandés en 1898**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ARCHIVOS, 13, Beijing, 1996. Actes.

EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (Ed.). **Currents of archival thinking**. Santa Barbara (California): ABC Clio, 2010.

GRÄNSTRÖM, C. The Janus syndrome. **The Principle of Provenance**. Stockholm: Swedish National Archive, 1994. Disponível em: <<http://www.gridprovenance.org/>>. Acesso em: 03 ago de 2012.

LIBERALLI, Heloisa. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de Currents of archival thinking). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, 2010.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Modern archives: principles and techniques**. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

TRACE, Ciaran B. **What is Recorded is Never Simply 'What Happened:' Record-keeping in Modern Organizational Culture**. Archival Science: International Journal of Recorded Information, 2002.

TAIGURA, Villela Aldabalde. **A presença do arquivo nos relatórios dos presidentes de província no Brasil (1835-1889)**. FFLCH Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2010.